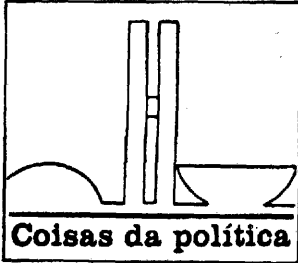


Quando um poder mais alto se alevanta

Sarney

Rogério Coelho Neto

O presidente José Sarney aceitou o desafio do governador Leonel Brizola e, sem descer da majestade do cargo, vai responder, assim na base do olho por olho e dente por dente, às acusações que o chefe do executivo fluminense resolveu lhe fazer. Essa informação foi liberada no final da tarde de ontem por um influente assessor da Presidência da República, depois que Sarney havia decidido convocar para hoje à noite, um pouquinho antes do horário da propaganda eleitoral gratuita, a cadeia nacional de rádio e televisão.



Coisas da política

Sobre a mesa de trabalho do Presidente no Palácio do Planalto repousavam dois esboços para o pronunciamento que ele fará hoje à noite. Um deles, se preferido, o levará a fazer menção direta ao governador do Estado do Rio, transformado hoje no seu principal crítico. O outro, que deverá ser o preferido, levará Sarney a responder às acusações de Brizola ao seu governo e sobretudo ao Plano

Cruzado — acusações que se tornaram mais fortes há três semanas —, com indiretas ao principal líder do PDT.

Dois auxiliares diretos de Sarney estiveram esta semana no Rio, colhendo dados para o pronunciamento de hoje à noite do chefe do governo: o seu secretário de Imprensa, Fernando César Mesquita, e um de seus mais importantes assessores, o jornalista maranhense Joaquim Campelo. Fernando César esteve com os principais coordenadores da campanha de Moreira Franco, entre eles o jornalista Paulo Marinho, enquanto Campelo realizou pesquisas junto a órgãos federais sediados no Rio.

Há, no Palácio do Planalto, os que sustentam que os gestores da Aliança Popular Democrática no Estado do Rio, ao incorporarem à campanha de Moreira, na última hora, o mote do Plano Cruzado, pecaram pela deficiência com a qual procuraram sustentar a bandeira dos êxitos alcançados pelas mudanças econômicas promovidas pelo governo dia 28 de fevereiro. Com a fala de hoje, Sarney vai procurar, entre outras coisas, corrigir essas deficiências.

Não agradou a Brasília, por exemplo, a maneira escolhida pelo próprio candidato da Aliança Popular Democrática, Moreira Franco, para defender o Plano Cruzado e o próprio Presidente da República dos ataques do governador. O Palácio do Planalto queria alguma coisa

mais forte, calcada em números. Para tanto, encaminhou, inclusive, a Moreira um relatório contendo as realizações do governo federal, ministério por ministério, com o objetivo de desmentir afirmações de Brizola de que a Nova República marginalizou o estado.

Existe uma certa expectativa sobre a fala presidencial, não propriamente ao tom que Sarney vai emprestar a ela. Mas pelo caminho que ele escolherá para não tornar tão ostensivo o seu confronto, hoje indissociável, com o governador Leonel Brizola. Da Passeata contra o Plano Cruzado promovida ontem pelo PDT à resposta que o PMDB e os demais partidos que apóiam Moreira Franco darão ao evento que teve em Brizola sua figura central, o enfoque da sucessão fluminense mudou radicalmente.

O Presidente da República, pressionado de certa forma pelos fatos, quebrou o juramento de não participar diretamente da campanha eleitoral em nenhum estado. Políticos que convivem mais de perto com Sarney, entre eles dois influentes ministros de Estado, culpam a falta de competência do PMDB fluminense pela situação a que o Presidente acabou sendo levado. De repente, Sarney sentiu que não poderia permanecer em posição contemplativa, porque viraria uma espécie de alvo estático, à mercê da artilharia continuada do governador do Estado do Rio.

Ao aceitar o confronto, mesmo com as cautelas necessárias, Sarney muda o próprio referencial da campa-

JORNAL DO BRASIL

na. Afasta Moreira e Darcy da cena maior e incute na cabeça do eleitor, adversário ou aliado da Nova República e do Plano Cruzado, que, se a Aliança Popular Democrática ganhar, a vitória será sua e de mais ninguém, apesar dos méritos do ex-prefeito de Niterói, sobretudo seu espírito de luta.

Com o PDT, as coisas também não serão diferentes. Uma vitória nas urnas será de Brizola, sem nenhuma dúvida, cabendo ao professor Darcy Ribeiro, um político de indiscutível credibilidade, o papel de ter sido o mero instrumento de mais uma façanha eleitoral do governador, qual seja a de vencer todas as forças partidárias do estado — da direita para a esquerda, passando pelo centro —, e mais que isso o próprio Presidente da República, que resolveu tomar em suas mãos, nesta reta final da campanha fluminense, a bandeira da Aliança Popular Democrática.

No fundo, a campanha eleitoral no Estado do Rio poderá estar apresentando a *avant-première* da sucessão presidencial de 1988. Uma idéia que não pode ser considerada absurda, pois bastará para a sua consecução que a Assembleia Nacional Constituinte fixe o mandato de Sarney em quatro anos, mas dê a ele o direito de postular a reeleição. Neste caso, o Presidente teria, provavelmente, como seu mais sério adversário, o governador Leonel Brizola.